Abordagem Prática da Sexualidade na Oncogeriatria

Editores
Milton Roberto Furst Crenitte
Olga Laura Sena Almeida



Atheneu

Abordagem Prática da Sexualidade na Oncogeriatria



www.atheneu.com.br

(21) 99165-6798 Facebook.com/editoraatheneu Twitter.com/editoraatheneu Youtube.com/atheneueditora

Abordagem Prática da Sexualidade na Oncogeriatria

Milton Roberto Furst Crenitte
Olga Laura Sena Almeida

Atheneu
Rio de Janeiro • São Paulo
2026

Editora Atheneu

São Paulo	–	Rua Maria Paula, 123 – 13º andar Conjuntos 133 e 134 Tel.: (11) 2858-8750 E-mail: atheneu@atheneu.com.br
Rio de Janeiro	–	Rua Bambina, 74 – Lojas A e B Tel.: (21) 3094-1295 E-mail: atheneu@atheneu.com.br

Pré-Produção e Produção Gráfica: Equipe Atheneu
Capa: Vinícius Soares
Produção Editorial: Arte & Ideia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C937a

Crenitte, Milton Roberto Furst
Abordagem prática da sexualidade na oncogeriatria / Milton Roberto Furst Crenitte, Olga Laura Sena Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro [RJ] : Atheneu, 2026.
il. ; 24 cm.

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-388-1247-0

1. Sexualidade Idosos. 2. Câncer em idosos. I. Almeida, Olga Laura Sena. II. Título.

26-102601.0 CDD: 618.976994
CDU: 616-006-053.9

Gabriela Faray Ferreira Lopes Bibliotecária CRB-7/6643
05/01/2026 06/01/2026

Crenitte MRF, Almeida OLS
Abordagem Prática da Sexualidade na Oncogeriatria

©Direitos reservados à EDITORA ATHENEU – Rio de Janeiro, São Paulo, 2026.

1

Sexualidade na Oncogeriatria

Milton Roberto Furst Crenitte
Olga Laura Sena Almeida

ASPECTOS-CHAVE

- A idade é o principal fator de risco para o desenvolvimento de neoplasias, e a incidência de câncer em pessoas idosas aumentará com o processo de envelhecimento acelerado.
- O diagnóstico e o tratamento oncológicos podem impactar negativamente a sexualidade de pessoas idosas.
- A sexualidade pode ser expressa de diversas maneiras, e o ato sexual genital é apenas uma de suas formas.
- O rastreio, o respeito e o acolhimento à sexualidade da pessoa idosa no contexto oncológico são aspectos fundamentais no sucesso do cuidado à sua saúde.
- Existem barreiras para a expressão da sexualidade em pessoas idosas com câncer; uma delas é o etarismo.
- É fundamental que o profissional da saúde conheça a orientação sexual e a identidade de gênero do seu paciente, oferecendo orientações apropriadas à realidade de cada um.

A idade é o principal fator de risco para o desenvolvimento de neoplasias e, considerando que a população está envelhecendo rapidamente, especialmente no Brasil, o impacto da incidência do câncer vem aumentando no cenário global em virtude da transição demográfica e epidemiológica pela qual o mundo passa.

Sabe-se que 56% dos diagnósticos oncológicos e 70% de todas as mortes por câncer ocorrem em pessoas idosas. Além disso, o câncer é a principal causa de morte em mulheres e homens entre 60 e 79 anos. A idade média do diagnóstico

de câncer é de 68 anos, e a incidência aumenta com a idade, com pessoas acima dos 65 anos tendo onze vezes mais risco do desenvolvimento de neoplasias malignas. Estima-se que, até 2040, a incidência de câncer dobrará na população idosa, especialmente naqueles mais longevos acima de 80 anos. Nesse cenário, a Oncogeriatria tornou-se uma área de atuação em expansão nos últimos anos, tanto nacional quanto internacionalmente, trazendo a importância da discussão do cuidado a pessoas idosas com câncer em diferentes sociedades médicas.

O diagnóstico e o tratamento do câncer têm avançado significativamente nas últimas décadas, resultando em um aumento expressivo do número de pessoas que vivem com e após o tratamento oncológico. Estimativas indicam que existirão mais de 20 milhões de pessoas sobreviventes do câncer nos Estados Unidos até 2030.

A adoção de terapias multimodais, combinando cirurgia, quimioterapia, radioterapia, imunoterapia, terapias endócrinas e terapias-alvo, tem ampliado as taxas de controle e sobrevida da doença oncológica. No entanto, esses avanços também trouxeram novos desafios, entre eles a diversidade de efeitos adversos físicos, psicológicos e sociais, incluindo os impactos na sexualidade, que frequentemente permanecem subvalorizados no cuidado oncológico, especialmente no cenário da Oncogeriatria. Pesquisas estimam relatos de dificuldades ou disfunções sexuais em 40% a 100% dos pacientes com diagnóstico oncológico, sendo escassos os dados referentes à população idosa.

Nesse sentido, há a concepção de que a sexualidade é muito mais ampla do que apenas o ato sexual em si ou a penetração poderiam representar. Ela pode ser manifestada pelo erotismo, pela intimidade, pelo prazer, pelo desejo e também pelos papéis e identidades de gênero, além das orientações sexuais de cada um. Dessa forma, a principal mensagem e paradigma a se romper é o de que a sexualidade seria extinta quando uma pessoa envelhece, quando é diagnosticada com uma doença grave ou até mesmo próximo da sua finitude. A sexualidade nos atravessa do “nascer ao morrer” e, por isso, é tão importante que esse assunto seja abordado, respeitado e acolhido por profissionais da saúde que assistem pessoas idosas vivenciando o diagnóstico do câncer.

Sabe-se que o processo de envelhecimento pode impactar a sexualidade de diversas formas. Não só pela maior incidência de condições crônicas de saúde e multimorbidades, mas também pela falta de privacidade em casa ou em instituições de longa permanência ou pelo preconceito conhecido como etarismo, já que diversas pessoas idosas referem o receio de serem taxadas de “assanhados” e, dessa forma, pouco discutem com familiares, amigos e profissionais de saúde sobre suas dificuldades sexuais.

Além disso, pesquisas observacionais em Oncogeriatria evidenciam que tanto equipes de saúde quanto pacientes sentem dificuldades em abordar o tema. Para os profissionais da saúde, a falta de capacitação e conhecimento nessa área são pontos importantes a serem melhorados, mas a realização de

consultas rápidas e com pouco tempo para abordagem dos aspectos relacionados com a sexualidade contribuem para esse cenário. No caso dos pacientes, a vergonha e o receio de criar situações "embaraçosas" os deslocam para o silenciamento e para as margens da insatisfação e angústia, aumentando o sofrimento relacionado com a doença oncológica.

O primeiro passo para a mudança desse cenário na Oncogeriatria é o combate ao etarismo, que impede a abordagem da sexualidade como um aspecto da saúde a ser cuidado, mesmo no cenário de um diagnóstico oncológico ameaçador à vida. O segundo ponto, igualmente importante, é o desenvolvimento de uma sistematização ou organização dentro da equipe assistencial que permita o rastreio e a abordagem de dificuldades relacionadas com a sexualidade, favorecendo que essa prática ocorra de modo natural. Muitas vezes, o que ocorre é que os profissionais de saúde envolvidos no cuidado a pessoas idosas com câncer costumam acreditar que há demandas mais importantes para serem discutidas nas consultas e nos atendimentos realizados ou que outros profissionais do time envolvido no cuidado ao paciente realizará essa abordagem, o que nem sempre ocorre.

Desse modo, não só a equipe médica, mas todos os profissionais da equipe multidisciplinar que assistem pessoas nesse contexto, como enfermagem, fisioterapia, psicologia, nutrição, terapia ocupacional, serviço social, fonoaudiólogos, dentistas e farmacêuticos, têm um papel singular, particular e fundamental nessa abordagem. Além disso, é fundamental a promoção de ambientes dentro das instituições de saúde que promovam e respeitem a privacidade e a autonomia das pessoas idosas.

Quando uma pessoa idosa é diagnosticada com câncer, são inúmeras as questões e os desafios que ela pode vivenciar no campo da sua sexualidade, e tudo vai depender não só do tipo de neoplasia diagnosticada, mas também do tipo de tratamento que será instituído e das toxicidades relacionadas com cada tratamento oncológico. Além dos efeitos diretos dos tratamentos, outros fatores como fadiga, alterações do humor, dor crônica e sintomas mal controlados podem contribuir para o sofrimento sexual de pessoas idosas com câncer. Portanto, o impacto do diagnóstico e tratamento oncológicos sobre a sexualidade de pessoas idosas com diagnóstico de câncer costuma ser multifatorial e requer uma abordagem ampla e individualizada por uma equipe multidisciplinar.

Nesse debate, é necessário resgatar também o que a antropóloga estadunidense Gayle Rubin discute em seus estudos sobre "hierarquias sexuais", nos quais elabora uma tese de que a sociedade cria "muros" ou "divisões" que separam o que se considera como "normal" na prática da sexualidade e, dessa forma, recebe da medicina e das normas sociais moralistas a caracterização do que seria saudável e bem aceito. Por outro lado, comportamentos sexuais "desviantes" desse padrão de normalidade predefinido ficam no campo da cultura negada pelas ciências da saúde que enxergam nelas uma patologia. Desse modo, qualquer experiência deslocada desse padrão sexual "normal"

costuma ser estigmatizada e negligenciada, e, assim, o desejo, a expressão e a sua representação ficam escondidos nas margens da vergonha. Na prática, ocorre um abandono de algumas pessoas, especialmente das idosas, que são excluídas da possibilidade de viver a sua sexualidade plenamente, mesmo em momentos difíceis, quando são acometidas por doenças graves e potencialmente ameaçadoras à vida, como o câncer.

É importante refletir sobre isso porque a pessoa idosa vivenciando algum tipo de diagnóstico oncológico durante o seu processo de envelhecimento, ou até mesmo próximo de sua finitude, pode experimentar mudanças e alterações corporais significativas, o que modifica sua autoestima para expressões da sua sexualidade. Por outro lado, nesse cenário, muitos profissionais de saúde presumem que a sexualidade dessa pessoa esgotou-se ou que não haveria nenhuma forma de expressão dela. E, considerando o papel muito paternalista da medicina, o simples fato de o assunto não ser rastreado e autorizado em consultas faz com que muitas pessoas em sofrimento tenham receio de se manifestarem sexualmente ou de simplesmente comunicarem suas vontades e preocupações a respeito desse tema.

Por outro lado, nos últimos anos, a geriatria e a gerontologia, como ciências que estudam o processo de envelhecimento e promovem um cuidado integrado a pessoas idosas, avançaram muito sobre o "mito da velhice assexuada". Já há diversos manuais, artigos e livros que abordam o tema da sexualidade em pessoas idosas e que têm quebrado paradigmas com relação a isso. No entanto, na Oncogeriatria ainda há lacunas a serem preenchidas para melhorar o cuidado à sexualidade daqueles com diagnóstico oncológico. Nesse sentido, a melhor maneira de avançarmos é promovendo conhecimento na área e dando luz às evidências que temos até aqui sobre o assunto. A integração dessas informações em um livro que permita a transformação e individualização do cuidado foi motor para o desenvolvimento desse projeto. Precisamos comunicar que pessoas idosas com câncer, mesmo e apesar de todo o sofrimento, têm muitos aspectos a serem cuidados e acolhidos e, um deles, é a sexualidade.

Como há uma diversidade de expressões sexuais em todas as pessoas, o conhecimento da orientação sexual e da identidade de gênero de cada um é necessário para que o acolhimento e as orientações sejam adequadas à realidade das pessoas, trazendo, assim, uma maior satisfação com os atendimentos realizados e uma maior adesão a todas as formas de terapias propostas. Nesse sentido, a presunção de que todas as pessoas idosas são heterossexuais e cisgênero pode promover um distanciamento e falta de promoção de cuidados às pessoas que vivem a sua sexualidade de outras formas e que precisam ser vistas e respeitadas na sua inteireza.

Dessa forma, este livro pretende provocar dúvidas e reflexões, mas também abrir espaço para a descoberta de novos caminhos tão importantes para a singularidade e integralidade do cuidado no contexto oncogeriátrico, com respeito à diversidade mas também à individualidade de cada pessoa.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

1. Carter J, Laccetti C, Andersen BL, et al. Interventions to address sexual problems in people with cancer: American Society of Clinical Oncology Clinical Practice Guideline Adaptation of Cancer Care Ontario Guideline. J Clin Oncol. 2018;36(5):492-511.
2. Curley CM, Johnson BT. Sexuality and aging: is it time for a new sexual revolution? Soc Sci Med. 2022;301:114865.
3. Fredriksen-Goldsen K. Blueprint for future research advancing the study of sexuality, gender, and equity in later life: Lessons learned from Aging With Pride, the National Health, Aging, and Sexuality/Gender Study (NHAS). Gerontologist. 2023;63(2):373-81.
4. Horne M, Youell J, Brown LJE, et al. A scoping review of education and training resources supporting care home staff in facilitating residents' sexuality, intimacy and relational needs. Age Ageing. 2021;50(3):758-71.
5. Instituto Nacional de Câncer (Brasil). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA; 2022.
6. Karnakis T, Souza PMR, Kanaji AL, et al. The role of geriatric oncology in the care of older people with cancer: some evidence from Brazil and the world. Rev Assoc Med Bras. 2024;70(Suppl 1):e2024S118.
7. Lee H, Song MK. State of the science of sexual health among older cancer survivors: an integrative review. J Cancer Surviv. 2025;19(4):1184-97.
8. Mcgrath M, Low MA, Power E, et al. Addressing sexuality among people living with chronic disease and disability: a systematic mixed methods review of knowledge, attitudes, and practices of health care professionals. Arch Phys Med Rehabil. 2021;102(5):999-1010.
9. Melisko ME, Narus JB. Sexual function in cancer survivors: updates to the NCCN Guidelines for Survivorship. J Natl Compr Canc Netw. 2016;14(5 Suppl):685-89.
10. Rubin G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade [Internet]. Louro GL, tradutora. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; [data desconhecida] [citado 2025 jun 23]. Disponível na Internet: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf
11. Sinković M, Towler L. Sexual aging: a systematic review of qualitative research on the sexuality and sexual health of older adults. Qual Health Res. 2019;29(9):1239-54.
12. Sung H, Ferlay J, Siegel RL, et al. Global cancer statistics 2020: GLOBOCAN estimates of incidence and mortality worldwide for 36 cancers in 185 countries. CA Cancer J Clin. 2021;71(3):209-49.
13. Tonorezos E, Devasia T, Mariotto AB, et al. Prevalence of cancer survivors in the United States. J Natl Cancer Inst. 2024;116(11):1784-90.
14. Towler LB, Graham CA, Bishop FL, et al. Older adults' embodied experiences of aging and their perceptions of societal stigmas toward sexuality in later life. Soc Sci Med. 2021;287:114355.
15. Wallach I, Keyser-Verreault A, Beauchamp J, et al. Palliative care professionals' perceptions and communication about sexual expression of older adults at end of life: how biases compromise holistic care. Gerontologist. 2023;63(2):318-27.
16. Zhou ES, Nekhlyudov L, Bober SL. The primary health care physician and the cancer patient: tips and strategies for managing sexual health. Transl Androl Urol. 2015;4(2):218-31.